



Revista Brasileira de História das Religiões

ISSN
1983-2850

VOLUME 18 | NÚMERO 52 | JANEIRO-ABRIL 2025

ARTIGOS LIVRES

 <https://doi.org/10.18764/1983-2850v18n52e23237>

A demonologia de Peter Binsfeld exemplificada nos casos fenomenológicos nas obras de Allan Kardec

Marcelo de Paula

Doutor em Estatística pela Universidade
Federal de São Carlos (UFSCAR).
Professor Associado II da Universidade
Federal do Oeste da Bahia (UFOB)

 <http://lattes.cnpq.br/2691715560304108>

 <https://orcid.org/0000-0003-0234-7270>

 marcelop@ufob.edu.br

RECEBIDO | 12 mar. 2024 – APROVADO | 02 abr. 2025



Resumo: Em 1589 o teólogo e bispo alemão Peter Binsfeld estabeleceu uma estrutura hierárquica de demônios com poderes que conduziriam os homens a praticarem os sete pecados capitais, associando cada demônio a um pecado específico: Asmodeus (luxúria), Belzebu (gula), Mamom (avareza ou ganância), Belfegor (preguiça), Azazel (ira), Leviatã (inveja) e Lúcifer (soberba ou Orgulho). O objetivo deste artigo é apresentar um estudo de classificação de diversos casos fenomenológicos descritos nas obras de Allan Kardec, segundo tal hierarquia. A partir de uma leitura minuciosa das obras da Codificação Espírita em conjunto com os doze volumes da Revista Espírita de Allan Kardec, classificamos cada um dos casos estudados dentro da estrutura demonológica de Binsfeld. O estudo mostra que, ainda que os conceitos de demônio e pecado sejam distintos para o Espiritismo em relação as tradições cristãs clássicas, todos os casos abordados por Allan Kardec se encaixam na estrutura proposta por Binsfeld.

Palavras-chave: demonologia; Peter Binsfeld; pecados capitais; espiritismo; Allan Kardec.

The Peter Binsfeld's demonology exemplified in phenomenological cases in the works of Allan Kardec

Abstract: In 1589, the German theologian and bishop Peter Binsfeld established a hierarchical structure of demons with powers that would lead men to practice the seven deadly sins, associating each demon with a specific sin: Asmodeus (lust), Beelzebub (gluttony), Mammon (avarice or greed), Belfegor (laziness), Azazel (wrath), Leviathan (envy) and Lucifer (pride or pride). The objective of this article is to present a classification study of several phenomenological cases described in the works of Allan Kardec, according to this hierarchy. From a thorough reading of the works of the Spiritist Codification together with the twelve volumes of Allan Kardec's Spiritist Magazine, we classify each of the cases studied within Binsfeld's demonological structure. The study shows that, although the concepts of demon and sin are different for Spiritism in relation to classical Christian traditions, all cases addressed by Allan Kardec fit into the structure proposed by Binsfeld.

Keywords: demonology; Peter Binsfeld; capital sins; spiritism; Allan Kardec.

La demonología de Peter Binsfeld ejemplificada en casos fenomenológicos en la obra de Allan Kardec

Resumen: En 1589, el teólogo y obispo alemán Peter Binsfeld estableció una estructura jerárquica de demonios con poderes que llevarían a los hombres a practicar los siete pecados capitales, asociando cada demonio a un pecado específico: Asmodeo (lujuria), Belcebú (gula), Mammón (avaricia), Belfegor (pereza), Azazel (ira), Leviatán (envidia) y Lucifer (orgullo u soberbia). El objetivo de este artículo es presentar un estudio de clasificación de varios casos fenomenológicos descritos en la obra de Allan Kardec, según esta jerarquía. A partir de una lectura profunda de las obras de la Codificación Espírita junto con los volúmenes de la Revista Espírita de Allan Kardec, clasificamos cada uno de los casos estudiados dentro de la estructura demonológica de Binsfeld. El estudio muestra que, aunque los conceptos de diablo y pecado son diferentes para el Espiritismo en relación a las tradiciones cristianas clásicas, todos los casos abordados por Kardec encajan en la estructura de Binsfeld.

Palavras clave: demonología; Peter Binsfeld; pecados capitales; espiritismo; Allan Kardec.

Introdução

O teólogo e bispo alemão Peter Binsfeld (aproximadamente 1540-1603), foi considerado uma grande autoridade na Alemanha, treinado e nomeado pelos Jesuítas em Roma como bispo sufragâneo e estimulou os julgamentos na demanda às bruxas. Em sua obra **Tractatus de Confessionibus Maleficorum et Sagarum** (Tratado sobre Confissões de Malfeitores e Bruxas), Binsfeld mostra claramente como se constroem as obras dos demonologistas, recorrendo sistematicamente a histórias relatadas pelas autoridades anteriores e extraindo também experiências dos casos que julgou e citou igualmente outros especialistas, por exemplo, textos de Malleus, Grillandus e Bodin (Batalha, 2015). O rigor metodológico de seus tratados e de suas obras sobre demonologia foram reconhecidas pelos cristãos, sendo citadas, posteriormente, tanto por católicos como protestantes. Diferentemente dos demais demonologistas da sua época, Binsfeld tentava se basear na “justiça” nos seus julgamentos. Um exemplo dessa tentativa se ser justo, ele se opunha às execuções com base apenas nas marcas corporais intituladas “marcas do diabo” e era cético quanto aos processos de metamorfose, fruto das ações malignas, reconhecidas assim, desde o período medieval (Robbins, 1959, p.49). Em 1589, Peter Binsfeld estabeleceu um delineamento e estruturação de uma hierarquia de diabos ou demônios com poderes que conduziram os homens a praticarem os sete pecados capitais, associando cada demônio a um pecado específico (Robbins, 1959, p.127). A listagem era a seguinte: Asmodeus (associado à Luxúria), Belzebu (associado à Gula), Mamon (associado à Avareza/Ganância), Belfegor (associado à Preguiça), Azazel (associado à Ira), Leviatã (associado à Inveja) e Lúcifer (associado à Soberba/Orgulho). Para ilustrar a estrutura hierárquica da demonologia estabelecida por Peter Binsfeld associando aos sete pecados capitais, na Figura (1) a famigerada pirâmide hierárquica retratada por Dante Alighieri em sua obra “A Divina Comédia - Purgatório”, espaço entre o paraíso e o inferno, em que cada pecado capital possui o seu oposto em virtude.

Figura 1 – Ilustração da pirâmide hierárquica dos sete pecados capitais e seus opostos.



Fonte: O próprio autor baseado em “A Divina Comédia - Purgatório” de Dante Alighieri.

De acordo com a Figura 1, quanto mais próximo do paraíso, menor a gravidade do pecado capital e, quanto mais próximo do inferno, maior a sua gravidade.

Neste artigo, para ilustrar os sete demônios abordados por Binsfeld (Batalha, 2015), consideramos a obra *Dictionnaire Infernal* de autoria de Jacques Auguste Simon Collin de Plancy (1793-1887), em que a primeira edição ilustrada foi publicada em 1863, cujas gravuras foram realizadas pelo pintor francês Louis Le Breton (1818-1866). A contribuição artística de Louis Le Breton é de forte relevância na construção iconográfica específica de demônios, pois ele ilustrou e criou um repertório imagético único para cada um dos 72 demônios catalogados e descritos pelo dicionário (Ferro, 2019).

A Figura 2 apresenta as ilustrações dos demônios associados aos sete pecados capitais de acordo com a demonologia de Peter Binsfeld.

Collin de Plancy nasceu em 1793, durante o processo revolucionário, e foi profundamente influenciado pela literatura iluminista, expressa no caráter enciclopedista de sua produção. Nesse sentido, ele transita entre a descrição científica racionalizada e a poesia fantástica que põe a nu o desejo do homem do século XIX de poder apavorar-se com um medo que ele mesmo julga irracional. O *Dicionário Infernal*, contudo, não é um romance, mas um catálogo de consulta, o que torna sua leitura bastante livre. Muito embora tivesse forte popularidade, ou justamente por causa dela, o dicionário tornou-se, em sua época, objeto de debate, censura e desejo, pois conseguiu condensar em si, ao mesmo tempo, a racionalização científica do conhecimento com a fantasia sedutora da arte, o fascínio pelo exótico exuberante do Oriente com o grotesco monstruoso daquilo que se opõe à realidade cotidiana. Nada mais exemplar para explicitar o conflito que o monstro. O monstro seria a imagem deformada de nós mesmos. Não aquilo que somos, mas aquilo que nossas potencialidades nos permitem vir a ser, e isso nos assusta (Modolo e Dias, 2020).

A escolha desta obra de Collin de Plancy para fins de ilustração neste artigo se deve ao fato de que o ano de sua publicação coincide com o auge das publicações de Allan Kardec, cujas obras publicadas em vida começou em 1857 e finalizou em 1869.

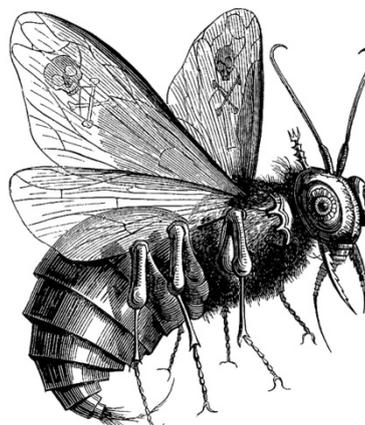
Hippolyte León Denizard Rivail (1804-1869) foi um professor conhecido pelo seu pseudônimo de Allan Kardec e desenvolveu na segunda metade do século XIX um método de pesquisa em que investigava as manifestações psíquicas, especialmente a capacidade orgânica do indivíduo sentir, em maior ou menor grau, a influência de seres inteligentes imateriais, chamados de Espíritos desencarnados que, conjuntamente com os Espíritos encarnados, seriam os responsáveis pelas mais variadas vertentes da famigerada fenomenologia espírita tais como: curas, efeitos físicos, mensagens escritas ou faladas, etc. Essa capacidade orgânica foi denominada mediunidade (Wantuil e Thiesen, 1978). Kardec se tornou um dos intelectuais franceses mais lidos de sua época, cuja principal obra, *O Livro dos Espíritos*, foi publicada em 1857 e reeditada 15 vezes durante sua vida (Monroe, 2008). Allan Kardec é certamente o homem que exerceu intensa influência, impactando de forma profunda a metapsíquica. (Richet, 1922, p. 63). Ele compreendia o Espiritismo como uma ciência surgida a partir da investigação da fenomenologia mediúnica e na elucidação das leis que regem as relações entre o mundo corporal e o mundo espiritual, cujos fatos observados não encontrariam explicações à luz de teorias ou sistemas já existentes (Kardec, 1858, p. 23-24).

Figura 2 – Representações dos demônios associados aos sete pecados capitais segundo a estrutura hierárquica da demonologia de Peter Binsfeld.

Asmodeus, associado à **Luxúria**



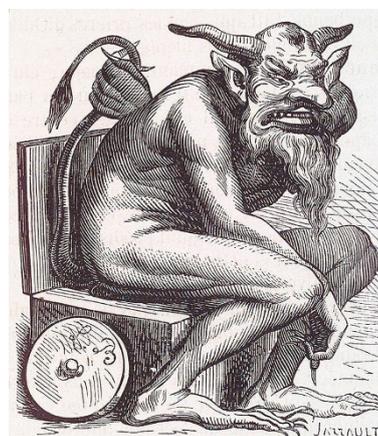
Belzebu, associado à **Gula**



Mamon, associado à **Avareza/Ganância**



Belfegor, associado à **Preguiça**



Azazel, associado à **Ira**



Leviatã, associado à **Inveja**



Lúcifer, associado à **Soberba/Orgulho**



Fonte: Dictionnaire Infernal por Jacques Auguste Simon Collin de Plancy, publicado em 1863, Páginas 55, 68, 89, 417, 439 e 608.

Em meados do século XIX, o conhecimento científico era fortemente influenciado pelo positivismo, corrente filosófica que entendia as ciências naturais como área privilegiada do acesso ao saber verdadeiro (Bordeau, 2013). As ciências positivas seriam uma combinação do racionalismo consagrado pelo filósofo francês René Descartes, com a investigação empírica prática prescrita pelo inglês Francis Bacon (1561-1626) que enfatizava a observação dos fenômenos (Mason, 1962, p. 355). O positivismo teria uma estrutura doutrinária sistemática ao passo que Espiritismo pretenderia ser uma doutrina assistemática, como várias vezes advertiu Kardec, aberta e sem nenhuma forma de idolatria hierárquica (Incontri, 2004). Kardec se afasta do positivismo do século XIX ao possuir uma metodologia própria não baseada nas propriedades da matéria (Chibeni, 1988 a,b). Neste cenário, ambos tentavam penetrar no campo científico, em busca de reconhecimento para se pronunciarem com a devida autoridade intelectual sobre o funcionamento da mente (Almeida, 2021).

Os autores Moreira-Almeida e Lotufo Neto (2003) apresentaram diretrizes metodológicas para investigar estados alterados de consciência e experiências anômalas. Tanto as experiências anômalas (alucinações, sinestesia e vivências interpretadas como telepáticas) como os estados alterados de consciência são descritos em todas as civilizações e em todas as eras, constituindo-se elementos importantes na história das sociedades.

Pimentel (2014), identificou e analisou o método de investigação empregado por Allan Kardec em suas investigações das experiências mediúnicas, por meio da leitura e análise no idioma original de toda obra publicada por Kardec. De acordo com Pimentel, Kardec levantou e testou diversas hipóteses para explicar os fenômenos mediúnicos, concluindo que todas as hipóteses eram necessárias para explicar a totalidade das experiências chamadas de mediúnicas.

Almeida e Pimentel (2021) investigaram os argumentos de médicos europeus do período e as reações de Allan Kardec sobre os temas Espiritismo e loucura, por meio das publicações médicas europeias (de 1858 a 1936), escritos de Kardec e realizaram um estudo de caso sobre os “Possessos de Morzine”. Os autores concluíram que os médicos negavam causas espirituais das doenças mentais e consideravam a mediunidade um produto de fraude ou de atividade cerebral, cuja prática seria uma grande causa de alienação mental. Por outro lado, Kardec não negava as causas biopsicossociais da loucura, mas acrescentou a elas as obsessões espirituais como causa complementar, pois as evidências de uma etiologia espiritual seriam as capacidades anômalas exibidas pelos doentes (por exemplo falar línguas que desconheciam, mostrar conhecimentos de fatos à distância, etc) e a eficácia da desobsessão, mesmo que realizada à distância e sem o conhecimento do paciente.

Para o Espiritismo, nem anjos nem demônios são entidades distintas. Há Espíritos em todos os graus de adiantamento, moral e intelectual, conforme a posição em que se acham, na imensa escala do progresso. Nas classes inferiores destacam-se Espíritos ainda profundamente propensos ao mal e comprazendo-se com o mal. A estes pode-se denominar demônios, pois são capazes de todos os malefícios aos ditos atribuídos. O Espiritismo não lhes dá tal nome por se prender ele à ideia de uma criação distinta do gênero humano, como seres de natureza essencialmente perversa, votados ao mal eternamente e incapazes de qualquer progresso para o bem. Os anjos mais elevados conquistaram a sua graduação, passando, como os demais, pela rota comum (Kardec, 1865, p.118-120). Feita essa breve explanação acerca de como Kardec estudava a fenomenologia de sua época a partir de novas premissas, geradas por observação, coordenação e dedução lógica dos fatos (Kardec, 1857, p. 22), este artigo apresenta um estudo de classificação

de diversos casos fenomenológicos descritos nas obras de Allan Kardec, segundo tal hierarquia. A partir de uma leitura minuciosa das obras da Codificação Espírita em conjunto com os doze volumes da Revista Espírita de Allan Kardec, classificamos cada um dos casos estudados dentro da estrutura demonológica de Binsfeld.

Metodologia

Podemos assumir este trabalho como um estudo comparado no que tange a interpretação da demonologia, e que esta pesquisa se caracteriza como pesquisa explicativa, quanto a sua finalidade, pois tem como principal objetivo tornar o objeto inteligível (Vergara, 2016, p.45), já que o conhecimento científico está assentado nos resultados oferecidos pelos estudos explicativos (Gil, 2008, p.28). No que diz respeito aos procedimentos técnicos utilizados, a pesquisa é classificada como histórica (Silva, 2004).

Batalha (2015) faz uma análise da evolução da figura antropomórfica do Mal, ao longo da Idade Média, na cultura ocidental cristã, analisando a representação do Diabo no antigo manuscrito medieval denominado Código de Gigas ou “Bíblia do Diabo”, passando pelo estudo da figura de Satanás no Antigo e no Novo Testamento. Enquanto no Antigo Testamento, a figura de Satan é apresentada como um servo do concílio divino, cuja função é testar a fé dos homens, no novo Testamento, o Diabo é a suma representação do Mal, surgindo não só como o opositor da humanidade, mas também como o responsável pelo Mal na Terra, como anunciam os apóstolos nos Evangelhos. A autora faz alusão às principais divindades pagãs da Antiguidade, bem como aos discursos do clero e ao legado da cultura popular que construíram o imaginário do Diabo.

Ferro (2019) propõe uma contextualização das gravuras realizadas pelo pintor francês Louis Le Breton para a primeira edição ilustrada do Dicionário Infernal de Collin de Plancy, e uma análise iconográfica das ilustrações dos verbetes Asmodeus e Belzebu. A partir de uma análise histórica sobre a passagem do Iluminismo para o Romantismo, a autora propõe uma explicação do Dicionário segundo seus critérios científicos e ocultistas para elucidar como elas contribuíram para a constituição de uma iconografia dos demônios no imaginário ocidental.

Para Rinaldi (2018), a concepção dos demônios se deve a uma incongruência entre o politeísmo e o primeiro mandamento da Lei de Deus e a magia, que sempre havia existido, encontra-se ainda diferenciada em “negra” e “branca” com base na sua ligação ou não com os demônios. Segundo Rinaldi, no período medieval não existia uma fronteira bem definida entre o natural e o sobrenatural, pois o mágico e o demoníaco estavam até ligados à vida quotidiana.

Consideramos o estudo do teólogo e bispo alemão Peter Binsfeld que estabeleceu uma estrutura hierárquica de demônios com poderes que conduziram os homens a praticarem os sete pecados capitais, associando cada demônio a um pecado específico: Asmodeus (luxúria), Belzebu (gula), Mammon (avareza ou ganância), Belfegor (preguiça), Azazel (ira), Leviatã (inveja) e Lúcifer (soberba ou Orgulho).

Paralelamente à estrutura demonológica de Binsfeld, fizemos uma leitura minuciosa das seguintes obras de Allan Kardec: Obras da Codificação Espírita (chamadas de Obras Básicas): O Livro dos Espíritos (1857), O Livro dos Médiuns (1861), O Evangelho segundo o Espiritismo (1864), O Céu e o Inferno (1865), A Gênese (1868) e os doze volumes da Revista Espírita (Jornal de Estudos Psicológicos) de 1858 a 1869. A partir da análise comparada, mostramos que, ainda que os conceitos de demônio e pecado sejam distintos para o Espiritismo em relação as tradições

crístãs clássicas, todos os casos abordados neste artigo, descritos por Allan Kardec, se encaixam na estrutura estabelecida por Peter Binsfeld.

Asmodeus como demônio da Luxúria e o caso de Benoist

Apresentamos nesta Seção o caso de Benoist, um Frade sem fé, descrito na literatura de Allan Kardec, para ilustrar uma criatura humana que teria sido dominada por Asmodeus de acordo com a demonologia de Binsfeld. O Livro O Céu e o Inferno, de 1865, na 2ª parte, no capítulo 6 intitulado “Criminosos Arrepêndidos” faz o relato de Benoist, um Espírito que se apresentou espontaneamente ao médium, na cidade de Bordeaux, dizendo ter morrido em 1704 e padecer horríveis sofrimentos. De acordo com a conversação mediúnica, ele foi um Frade sem fé e, pela sua inteligência, conseguiu uma posição influente. Todavia abusara do poder que detinha, corrompendo aqueles que tinha por missão salvar e perseguindo os que tentavam deter seus abusos. Fica evidente que a luxúria tinha um papel relevante em seus abusos:

“Os pacíficos foram por mim inquietados. As torturas da fome de muitas vítimas eram extintas amiúde pela violência. Agora, sofro todas as torturas do inferno, ateando-me as vítimas o fogo que me devora. A luxúria e a fome insaciáveis perseguem-me; cres-ta-me a sede os lábios escaldantes, sem que uma gota lhes caia em refrigério. Os elementos todos se encarniçam contra mim. Orai pelo meu Espírito” (Kardec, 1865, p. 300).

Em seu relato, Benoist disse que os demônios berravam mais do que ele e que enchiam a sua boca de pez fervente. Ele via seus carrascos, todos conhecidos que ele havia abusado de alguma maneira. Por fim, a Sociedade sugere que ele se conscientizasse de seu atual estado, para que os bons Espíritos os ajudassem, e pede que ele volte diariamente para que orasse junto com a equipe buscando auxílio dos bons Espíritos (Kardec, 1865, p. 300-302). Após o diálogo com Benoist, o guia do médium, Paulin, envia a seguinte mensagem:

“As atrocidades por ele cometidas não têm número nem conta, e maior é a sua culpa porque possuía inteligência, instrução e luzes para guiar-se. Tendo falido com conhecimento de causa, mais terríveis lhe são os sofrimentos, os quais, não obstante, se suavizarão com o auxílio e o exemplo da prece, de modo a que lhes veja o termo, confortado pela esperança. Deus o vê no caminho do arrependimento, e já lhe concedeu a graça de poder comunicar-se a fim de ser encorajado e confortado” (Kardec, 1865, p.302)

Belzebu como o demônio da gula e o Espírito gastrônomo de Baltazar

Nesta Seção apresentamos o relato de Baltazar, o Espírito gastrônomo, como um caso de criatura dominada pelos prazeres da alimentação em demasia, descrito em uma das obras de Kardec e, dessa maneira, sendo dominada por Belzebu conforme a demonologia de Peter Binsfeld. Antes, porém, convém mencionar que o livro O Evangelho Segundo o Espiritismo, capítulo 17, item 11, Allan Kardec apresenta a mensagem “Cuidar do corpo e do espírito” e faz o alerta: “Amái, pois, a vossa alma, porém, cuidai igualmente do vosso corpo, instrumento dela” (Kardec, 1864a, p. 242). Em o Livro dos Espíritos, na questão 716 fica evidente que a natureza traçou o limite das nossas necessidades, mas que o homem seria insaciável, pois os vícios lhe criaram necessidades que não são reais (Kardec, 1857, p. 331). Para ilustrar um

caso de criatura dominada pelos prazeres da gula e, portanto, dominada por Belzebu conforme a demonologia de Binsfeld, na Revista Espírita de 1860, na Seção de novembro, em “Conversas Familiares de Além-Túmulo” é apresentado o caso de Baltazar, o Espírito gastrônomo que, em uma reunião espírita, apresentou-se espontaneamente e ditou a seguinte frase por meio de batidas: “Gosto da boa mesa e das mulheres; viva o melão e a lagosta, o café e o licor!” (Kardec, 1860, p. 496).

Para a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas ficou evidente que essa frase revelava, por parte do Espírito, uma natureza toda especial. Logo na primeira evocação, Baltazar diz:

“Meus amigos, eis-me ante uma grande mesa, mas, infelizmente, vazia!”

Ao ser indagado pela Sociedade do que adiantaria se a mesa estivesse repleta de alimentos, Baltazar responde que sentira o seu aroma e saborearia o gosto de outrora. Não podendo comer, tais prazeres e desejos tornam-se um suplício para os Espíritos que ainda conservam as paixões humanas. Esta primeira evocação se estende e finalizou na 14ª pergunta em que Baltazar se despede dizendo “Adeus; vou à procura de um jantarzinho muito delicado e muito suculento. Baltazar” (Kardec, 1860, p. 497-499).

De acordo com a equipe de Kardec, este Espírito pertenceria a essa classe numerosa de seres invisíveis que não se elevaram em aspecto alguma acima da condição humana. Não seriam Espíritos maus, mas sim apegados aos prazeres (Kardec, 1860, p. 499). Um dos assinantes da Revista, ao ler na matéria sobre a evocação do Espírito que se deu a conhecer pelo nome de Baltazar, reconheceu um homem que havia conhecido pessoalmente, cuja vida e caráter coincidiam perfeitamente com todos os detalhes relatados. Baltazar seria um nome fantasia, pois tratava-se do Sr. G... de la R..., conhecido por suas excentricidades e sua gastronomia.

Na segunda evocação Baltazar reaparece e diz: “Ah! Eis-me aqui; mas nunca tendes algo a me oferecer. Decididamente não sois amáveis” (Kardec, 1860, p. 546). Ao ser questionado se ele conhecia um certo Sr. G... de la R, o Espírito fica momentaneamente incomodado e diz que aquele que o reconheceu deveria ter ficado calado. Quando a Sociedade o questiona em que o aborrece o fato de ter a sua identidade descoberta, ele responde: “Em nada, mas eu preferia não ter sido reconhecido. Tanto faz, não esconderei meus gostos por isto. Se conhecêsseis os jantares que eu dava, convírias que eram bons e tinham um valor que hoje não mais se aprecia” (Kardec, 1860, p. 547). A equipe deixa claro que o objetivo da conversa é a instrução e pede para o Espírito dizer qual o sentimento que o levou, no dia de sua festa de formatura como advogado, a fazer um jantar numa sala decorada em câmara mortuária, no qual ele responde:

“Não desvendais, em meio a todas as minhas excentricidades, um fundo de tristeza causado pelos erros da sociedade, sobretudo pelo orgulho daquela que eu frequentava e da qual fazia parte pelo nascimento e fortuna? Eu buscava atordoar o coração por meio de todas as loucuras imagináveis e me chamavam de louco, extravagante. Pouco importava. Eles riam de mim enquanto eu me divertia com eles. Como vedes, era a loucura aparente unida à tristeza do coração” (Kardec, 1860, p. 547).

Kardec salienta que podemos tirar, de um assunto aparentemente frívolo, ensinamentos úteis. Neste caso, há algo de instrutivo nesse Espírito que, conservando no além-túmulo os instintos corporais, reconhece que o abuso das paixões materializou seu Espírito (Kardec, 1860, p. 548).

Mamon como demônio da Avareza e dois casos de avarentos nas obras de Kardec

Nesta Seção apresentamos dois casos descritos na literatura de Kardec: (i) François Riquier, o idoso avarento celibatário falecido em 1857 e (ii) Pai Crépin, um milionário avarento. Estes dois casos ilustram a dominância da avareza e, neste contexto, seriam criaturas dominadas por Mamon segundo a demonologia de Peter Binsfeld. Afim de introduzir o assunto da avareza segundo Kardec, a obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, no capítulo 16: “Não se pode servir a Deus e a Mamon”, no item 3: “Preservar-se da avareza”, é relatada a passagem em que um homem, cujo irmão não queria dividir uma herança, e chega até Jesus solicitando ajuda. No Evangelho de Lucas (Lucas, 12:13-21) fica claro a severa admoestação que Jesus faz sobre a avareza e o acúmulo de bens, narrando uma parábola (Kardec, 1864a, p. 216).

1º Caso: François Riquier, o idoso avarento celibatário falecido em 1857, descrito no Livro *Céu e o Inferno*, na 2ª Parte, no capítulo 4 intitulado “Espíritos Sofredores”. Após 5 anos de sua morte, ele ainda se considerava vivo e sofria muito ao ver os bens partilhados pelos herdeiros. Teve uma inquilina, cuja filha era médium escrevente e tinha crises de catalepsia seguidas de sono magnético. Em 1862 esta filha começou a ser visitada em seus sonhos pelo Sr. Riquier, o qual pretendia dirigir-se à sua mãe. Ao se manifestar durante a evocação, o Sr. Riquier disse que ainda estava vivo e que queria de volta todo o seu dinheiro do qual as pessoas se apossaram. Quando indagado pela Sociedade se ele ainda sofria, ele responde:

“Oh, Sim! Sofro piores torturas, piores que as da mais cruel enfermidade, pois é minha alma quem as padece. Tendo sempre em mente a iniquidade de uma vida que foi, para muitos, motivo de escândalos, tenho a consciência de ser um miserável indigno de piedade, mas o meu sofrimento é tão grande que mister se faz me auxiliem a sair desta situação deplorável. Oraí para que eu esqueça os meus bens terrenos, sem o que não poderei arrepender-me. François Riquier, Rue de la Charité, nº 14.” (Kardec, 1865a, p. 252-253).

Kardec comenta que é curioso o fato deste Espírito indicar a moradia como se estivesse vivo. Uma senhora averiguou o endereço e verificou que era justamente a última casa que Riquier habitara. Eis a causa desse senhor, mesmo após cinco anos de sua morte, ainda não se considerava morto e ainda vivenciava a ansiedade de ver os bens partilhados pelos herdeiros. A evocação, provocada indubitavelmente por qualquer Espírito bom, teve por finalidade fazer-lhe compreender o seu estado e predispor-lo ao arrependimento (Kardec, 1865a, p. 253).

2º Caso: Pai Crépin, um milionário avarento descrito da Revista Espírita de 1859 (2º Volume) na Seção do mês de outubro em “Conversas Familiares de Além-Túmulo” apresenta o caso de um senhor que residia em Lyon, onde era conhecido pelo nome de Pai Crépin. Era um milionário de uma avareza incomum. Nos últimos tempos de sua vida foi morar com o casal Favre, que o alimentava por 30 centavos ao dia. Possuía nove casas e antes morava em uma delas, numa espécie de nicho sob a escada, já que todas estavam alugadas. Na época de receber os aluguéis arrancava os cartazes das ruas para dar os recibos afim de não gastar papel. Todas as vezes que surgia um decreto municipal prescrevendo a caiação das residências lhe causava um terrível desespero e ele gritava que estava arruinado (Kardec, 1859, p. 412). Durante a evocação, ele afirma que ainda está muito preso à Terra, que o arrependimento é difícil e que visita seus queridos tesouros e casas tantas vezes quanto pode. Ele sentia prazer em tocar suas casas. Enquanto vivo, acumulou riquezas que não serviram nem mesmo para ele. Quando questionado se ele nunca

sentiu piedade pelos infelizes que padeciam na miséria, o Espírito avarento responde: “Por que eles não tinham dinheiro? Azar deles!” (Kardec, 1859, p. 414).

Após dizer que a sua mãe o recebeu no mundo espiritual, o Espírito confessa que a origem de sua fortuna não tinha sido exatamente honesta, pois havia explorado e roubado seus semelhantes. Por fim, Pai Crépin pede à Sociedade piedade para sua alma em sofrimento (Kardec, 1859, p. 415). O Espírito de São Luís faz vários comentários sobre este caso:

“O Pai Crépin era ignorante, inexperiente; pediu riqueza e ela lhe foi concedida, mas como punição pelo seu pedido. O avarento que acumula pelo prazer de acumular e se priva até do necessário é menos culpável e menos egoísta em relação ao avarento que não pratica o menor sacrifício para com o próximo. Poderíamos dizer que a avareza chegou por meio das riquezas que estavam à sua disposição, mas que ele sucumbiu” (Kardec, 1859, p. 415-416).

Belfegor como demônio da Preguiça e o caso de Angèle em Kardec

Com o intuito de ilustrar a dominância do pecado da preguiça e, dessa forma, a dominância de Belfegor segundo a demonologia de Peter Binsfeld, apresentamos nesta Seção o caso de Angèle descrito na literatura de Kardec. Afim de contextualizar a temática da preguiça no contexto das obras espíritas, fazemos algumas citações. Em O Livro dos Espíritos, na Parte 3ª: “Das leis morais”, no capítulo 3: “Da lei do trabalho” observamos diversas questões que envolvem o trabalho. Na questão nº 674 diz que o trabalho é uma lei da Natureza. Na questão nº 675 fica definido como trabalho toda ocupação útil. Kardec faz um importante comentário acerca da questão nº 685, afirmando que é preciso que o provedor encontre ocupação e que a ciência econômica procura uma solução para o equilíbrio entre a produção e o consumo (Kardec, 1857, p. 317, 320).

O caso de Angèle: No Livro O Céu e o Inferno, no capítulo 7, intitulado “Espíritos Endurecidos”, Allan Kardec apresenta o caso da manifestação espontânea em Bordeaux de um espírito chamado Angèle, onde fica evidenciado a nulidade de sua existência por causa da preguiça, conforme diálogo durante a evocação. Angèle diz que não se arrepende de suas faltas, que não é feliz, que lhe falta paz, mas que ao mesmo tempo não está sofrendo. Determinados Espíritos só consideram sofrimento o que lhes lembra as suas dores físicas, ainda que seu estado moral seja intolerável para si (Kardec, 1865a, p. 326). Durante a comunicação, o Espírito diz ter mágoa do passado e medo do futuro desconhecido. Ao ser questionada sobre suas atividades na última encarnação, Angèle diz que era casada, tinha uma posição mediana, era esposa e mãe. Todavia, confessou que tanto o marido quanto os filhos a entediava. Angèle não tinha nenhuma ocupação doméstica ou secular, quem cuidava da casa e dos filhos era a criada. Quando indagada se ela desejaria reparar a inutilidade de sua existência por auxiliar outros Espíritos sofredores por meio de preces, Angèle diz que não sabe orar e que aprender a deixaria cansada (Kardec, 1865a, p. 326-329). O guia do médium dá instruções acerca deste caso:

“Angèle era uma dessas criaturas sem iniciativa, cuja existência é tão inútil a si como ao próximo. Amando apenas o prazer, incapaz de procurar no estudo, no cumprimento dos deveres domésticos e sociais as únicas satisfações do coração, que fazem o encanto da vida, ela não pôde empregar a juventude senão em distrações frívolas. Sem faltas graves, mas também sem méritos, ela fez a infelicidade do marido, comprometendo pelo desleixo o futuro dos próprios filhos. A sua existência foi improfícua e culposa, visto que o mal é oriundo da negligência do bem. Ela viveu na indolência

beatífica, na inutilidade da vida monástica na vida pretérita. Preguiçosa e egoísta por gosto, quis experimentar a vida doméstica, mas seu Espírito pouco progrediu”. Guia Monod (Kardec, 1865a, p. 326-329)

Azazel como demônio da ira e o caso da carta do defunto ao seu amigo

Nesta Seção apresentamos o caso descrito na literatura de Kardec sobre uma carta escrita por um defunto ao seu amigo para ilustrar o papel e dominância da ira, isto é, dominância de Azazel segundo a demonologia de Peter Binsfeld. A temática da ira ou cólera é exaustivamente abordada em quase todas as obras de Kardec. No livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, no capítulo 9 intitulado “Bem-aventurados os brandos e pacíficos”, no item 9: “A Cólera”, um Espírito protetor em Bordeaux faz vários apontamentos sobre a ira ou cólera: “A cólera nada remedeia, altera a saúde e compromete até a vida. Quem alimenta a cólera é a sua primeira vítima. Seria um pesar mortal se, num acesso de fúria, praticássemos um ato que poderíamos nos arrepender por toda a vida” (Kardec, 1864a, p. 138-139). Para ilustrar a dominância da ira e, portanto, dominância de Azazel segundo a demonologia de Binsfeld apresentamos o caso da “Carta de um defunto ao seu amigo”. Na Revista Espírita de 1868 na Seção de maio há um texto que trata das relações existentes entre os espíritos e aqueles que eles amaram na terra:

“Quando te aborreces, a luz que irradia de ti, no momento em que pensas naqueles que tu amas ou nos que sofrem, se obscurece e, então, sou forçado a afastar-me de ti, pois nenhum Espírito amante pode suportar as trevas da cólera. Ainda recentemente tive que te deixar. Eu, a bem dizer, te perdi de vista e me dirigi para um outro amigo, ou antes, a luz de seu amor atraíu-me para ele. Ele orava, derramando lágrimas por uma família benfazeja, caída na miséria e que ele não estava em condições de socorrer” (Kardec, 1868, p. 195).

Kardec comenta que não se pode deixar de reconhecer um sentido profundo, uma admirável penetração das leis que regem as relações dos mundos visível e invisível, e as nuances que caracterizam o adiantamento dos Espíritos encarnados ou desencarnados (Kardec, 1868, p. 199).

Leviatã como demônio da inveja e o caso do Espírito Verger

Apresentamos nesta Seção o caso descrito na literatura de Kardec sobre o Espírito Charlet para ilustrar a dominância do pecado da inveja, ou seja, a dominância de Leviatã segundo a demonologia de Peter Binsfeld. Na Revista Espírita de 1860 (3º Volume) na Seção do mês de julho, o Espírito Charlet diz que a inveja é a mais viva expressão do orgulho e nos admoesta para olhar o Cristo, e nos espelhar em sua excelência, pois o Cristo em vez de vir com audácia e insolência para derrubar o mundo antigo, veio à Terra encarnar-se numa família pobre e nascer entre os animais (Kardec, 1860, p. 316). Na Revista Espírita de 1861 (4º Volume) na Seção do mês abril, há um alerta do Espírito Luos (Enviado pelo Sr. Ky.) sobre a Inveja nos Médiuns: “No médium a inveja é tão temível quanto o orgulho, tão ridícula quanto desprezível e infundada, e que prova quão fraco é o homem quando se deixa escravizar pelas paixões (Kardec, 1861, p. 195-196).

Para ilustrar este pecado capital apresentamos o caso do Espírito Verger (Assassino do arcebispo de Paris) descrito no Livro *O Céu e o Inferno*, no capítulo 6 intitulado “Criminosos arrependidos”. Em 3 de janeiro de 1857, Mons. Sibour, arcebispo de Paris, foi mortalmente ferido por um jovem padre chamado Verger ao sair da Igreja de Saint-Étienne-du-Mont. O criminoso foi condenado à

morte e executado a 30 de janeiro. Até o último instante não manifestou qualquer sentimento de arrependimento ou de sensibilidade (Kardec, 1865a, p. 293).

Ao ser evocado, o Espírito assassino afirma ainda estar preso ao corpo, assume que cometeu uma maldade em matar, mas que o seu caráter não poderia tolerar humilhações. Neste momento, o Espírito manifesta o desejo de se retirar da sessão. A Sociedade, por sua vez, insiste um pouco mais para que ele permaneça na reunião e fizesse orações pedindo a misericórdia de Deus. Quando questionado se ele conseguia ver a sua vítima, o Espírito responde:

“Parece-me ouvir uma voz semelhante à sua, dizendo-me: “Não mais te quero” Será, talvez, um efeito da imaginação! Estou doido, pois que vejo meu corpo de um lado e a cabeça de outro, porém, que vivo no Espaço, entre a Terra e o que denominais céu. Sinto como o frio de uma faca prestes a decepar-me o pescoço, mas isso será talvez o terror da morte. Também me parece ver uma multidão de Espíritos a rodear-me, olhando-me compadecidos. Mas não os compreendo” (Kardec, 1865a, p. 294).

Em uma nova evocação, três dias depois, o Espírito relata:

“Já sei que não mais pertenço a esse mundo, e não o deploro. Pesa-me o que fiz, porém, meu Espírito está mais livre. Sei a mais que há uma série de encarnações que nos dão conhecimentos úteis, a fim de nos tornarmos tão perfeitos quanto possível à criatura humana” (Kardec, 1865a, p. 294).

Verger admite a sua inveja que alimentava em relação à sua vítima quando a equipe pergunta se ele foi punido e qual tipo de punição, ao que ele responde:

“Sou punido porque tenho consciência da minha falta, e para ela peço perdão a Deus. Deixei-me dominar pela inveja e pelo orgulho; enganei-me e arrependo-me, pois, o homem deve esforçar-se sempre por dominar as más paixões, o que aliás não fiz” (Kardec, 1865a, p. 295).

Sobre a sensação ao ser evocado, o Espírito diz que sente prazer de conversar com os homens e poder em parte reparar suas, mas também sentia um temor, uma vergonha por ter sido um assassino. Monsenhor Sibour, ao ser evocado, disse que perdoava o assassino e orava para que ele se arrependesse. Além disso, a vítima disse que estava presente na evocação de seu assassino, porém não se apresentou para não aumentar ainda mais os sofrimentos, pois o receio de o ver já seria um sintoma de remorso, seria já um castigo (Kardec, 1865a, p. 295). Kardec afirma que a situação de Verger, ao morrer, é a de quase todos os que sucumbem violentamente:

“Não se verificando bruscamente a separação, eles ficam como aturdidos, sem saber se estão mortos ou vivos. A visão do arcebispo foi-lhe poupada por desnecessária ao seu remorso; mas outros Espíritos, em circunstâncias idênticas, são constantemente acusados pelo olhar das suas vítimas. Verger acrescentara a agravante de se não ter arrependido ainda em vida, estando, pois, nas condições requeridas para a eterna condenação. Mas, logo que deixou a Terra, o arrependimento invadiu-lhe a alma e, repudiando o passado, deseja sinceramente repará-lo. O arrependimento é muitas vezes tardio, e daí a dilação do castigo. A obstinação no mal, em vida, provém às vezes do orgulho, que recusa submeter-se e confessar os próprios erros, visto estar o homem sujeito à influência da matéria” (Kardec, 1865a, p. 295-296).

Lúcifer como demônio da Soberba e o caso do Espírito anônimo

Na Revista Espírita de 1859 (2º Volume) na Seção do mês de fevereiro, no item “Escolhos dos médiuns” é apresentada uma extensa admoestação aos médiuns no que tange o orgulho:

“De todas as imperfeições morais, a que oferece maior vulnerabilidade aos Espíritos imperfeitos é o orgulho. Para os médiuns, o orgulho é um escolho tanto mais perigoso quanto menos o confessam. O Espírito, que vê o lado fraco, aproveita-se dele, lisonjeia o pretense protegido, fala-lhe de origens ilustres, que o enchem de orgulho e vaidade” (Kardec, 1859, p. 57-60)

Na Revista Espírita de 1861 (4º Volume) na Seção do mês de outubro, o Espírito de Pascal envia uma mensagem intitulada “Egoísmo e Orgulho”:

“A rigidez mata os bons sentimentos; o Cristo jamais repelia aquele que o buscava, fosse quem fosse: socorria assim a mulher adúltera, como o criminoso; nunca temeu que a sua reputação sofresse por isso. Com o egoísmo e o orgulho, que andam de mãos dadas, a vida será sempre uma carreira em que vencerá o mais esperto, uma luta de interesses” (Kardec, 1861, p. 462)

Na Revista Espírita de 1863 (6º Volume) na Seção do mês de junho, o Espírito de La Fontaine apresenta uma dissertação intitulada “Conhecer-se a si mesmo” onde afirma que muitas vezes o que nos impede de corrigir um defeito ou um vício, é o fato de não percebermos que o temos, enquanto vemos os menores defeitos do próximo. La Fontaine ressalta que não suspeitamos que temos os mesmos erros, talvez até cem vezes maiores que as do próximo e que isto seria consequência do orgulho, já que não encontramos nada de bom, senão em nós mesmos. (Kardec, 1863, p. 265-266). No Livro O Evangelho Segundo o Espiritismo, capítulo 7: “Bem-aventurados os pobres de Espírito”, no item nº 11 intitulado “O Orgulho e a Humildade”, o Espírito de Lacordaire faz uma extensa dissertação acerca do tema que resumiremos na frase “O orgulhoso é um renegador do Cristo, é um moderno Fariseu” (Kardec, 1864a, p. 116-119).

Na Revista Espírita de 1864 (7º Volume) na Seção do mês julho, no item “Instruções dos Espíritos - O castigo pela luz”, em uma das sessões da Sociedade Espírita de Paris, em que se havia discutido a perturbação que geralmente acontece após a morte, um Espírito se manifestou espontaneamente à médium Sra. Costel, dando a comunicação sem levar a sua assinatura:

“Que falais de perturbação? Por que essas palavras vãs? Sois sonhadores e utopistas. Ignorais perfeitamente as coisas de que vos pretendeis ocupar. Não, senhores, a perturbação não existe, salvo, talvez, em vossos cérebros. A vida é uma lúgubre comédia! Desastrados os que se retiram de cena antes de cair o pano. A morte é um terror, um castigo, um desejo, conforme a fraqueza ou a força dos que a temem, a afrontam ou a imploram. Para todos é uma amarga irrisão! A luz me ofusca e penetra, como seta aguda, a sutileza de meu ser. Castigaram-me pelas trevas da prisão e pensaram castigar-me pelas trevas do túmulo, ou as sonhadas pelos supersticiosos católicos. Pois bem! Sois vós, senhores, que sofreis a escuridão, e eu paio acima de vós. Quero continuar eu! Forte pelo pensamento, desdenho os avisos que ressoam à minha volta. Vejo claro um crime e uma palavra! O crime existe por toda parte. Quando praticado por massas de homens, glorificam-no; em particular, é maldito. Absurdo! Não quero ser lamentado, eu me basto e saberei lutar contra esta luz odiosa.” Aquele que ontem era um homem. (Kardec, 1864, p. 295-296)

Tendo sido analisada esta comunicação, foi reconhecido um grave ensinamento e se viu na situação desse infeliz uma nova fase do castigo que aguarda os culpados. Solicitados a dar sua apreciação sobre o assunto, os guias espirituais da Sociedade ditaram as três comunicações:

A primeira comunicação é do Espírito Lamennais por meio do médium Sr. A. Didier:

“Tendes um exemplo terrível na última comunicação, relativamente ao criminoso que se debate contra a justiça divina que o persegue, depois da dos homens. Sinal do sofrimento abatido, mas insubmisso! Perdida na dor, mas cuja revolta ainda é bastante grande para recusar reconhecer a verdade da pena e a verdade da recompensa! Amiúde os grandes erros se prolongam quase sempre no mundo dos Espíritos; do mesmo modo, as grandes consciências criminosas” (Kardec, 1864, p. 297-298).

O pensamento do Espírito Lamennais seria de que os maiores sofrimentos não têm proveito algum para aquele que os suporta, mas não se tornam melhores. O Espírito endurecido, sem ser tocado pelo arrependimento, é castigado, mas não repara as faltas (Kardec, 1864, p. 298).

A segunda comunicação é do “Espírito protetor do médium” por meio do médium: Sr. d’Ambel:

“O Espírito que se comunicou na última sessão exprime bem a verdade de sua situação, quando exclama: “Oh! Eu saberei bem lutar contra esta luz odiosa! Com efeito, essa luz é tanto mais terrível, tanto mais atroz que o trespassa completamente, tornando visíveis e aparentes seus mais secretos pensamentos. Eis um dos lados mais duros de seu castigo espiritual. Chama a morte em seu auxílio, mas a morte não passa de um nome vazio de sentido. O infortunado foge sempre! Marcha para a loucura espiritual, terrível castigo! Dor horrível! Onde se debaterá consigo mesmo para se desembaraçar de si próprio. Quanto tempo durará isto? Até a hora em que sua vontade, enfim vencida, curvar-se ao remorso, e sua fronte soberba humilhar-se perante suas vítimas apaziguadas e ante os Espíritos de justiça (Kardec, 1864, p. 299-300).

A terceira comunicação é do Espírito Jean Reynaud por meio do médium Sr. Costel onde afirma que a justiça divina funciona de modo diferente da justiça humana:

“As punições correspondem ao grau de adiantamento dos seres aos quais são aplicadas. A igualdade do crime não constitui igualdade entre os indivíduos; dois homens culpados no mesmo grau podem ser separados pela distância das provas. Então não são mais as trevas que castigam, mas a acuidade da luz espiritual; ela atravessa a inteligência terrena e o faz experimentar a angústia de uma chaga reavivada. Os que já estão desmaterializados pelo Espírito sentem uma dor muito superior, que aniquila nas suas vagas amargas a recordação dos fatos, para não deixar subsistir senão a ciência de suas causas. A ausência de ponderação, de equilíbrio entre o progresso moral e o progresso intelectual, produz as anomalias muito frequentes nas épocas de materialismo e de transição. A luz que tortura o Espírito culpado é, pois, o raio que inunda de claridade os recônditos de seu orgulho” (Kardec, 1864, p. 300-301).

Estas três comunicações recebidas simultaneamente se complementam, apresentando o castigo sob aspecto filosófico, um pouco mais racional que as chamas do inferno. É provável que os Espíritos, querendo tratar a questão por um exemplo, tenham provocado, com esse objetivo, a comunicação espontânea do Espírito culpado (Kardec, 1864, p. 301).

Considerações finais

Este artigo apresentou um estudo de classificação de diversos casos fenomenológicos descritos nas obras de Allan Kardec, segundo uma estrutura hierárquica de demônios associados aos sete pecados capitais. Neste trabalho, o estudo da demonologia se restringiu especificamente à hierarquia de demônios com poderes que conduziriam os homens a praticarem tais pecados, associando cada demônio a um pecado específico, estabelecida em 1589 pelo teólogo e bispo alemão Peter Binsfeld na seguinte configuração: Asmodeus (luxúria), Belzebu (gula), Mamom (avareza ou ganância), Belfegor (preguiça), Azazel (ira), Leviatã (inveja) e Lúcifer (soberba ou Orgulho). A partir de uma leitura minuciosa das obras da Codificação Espírita em conjunto com os doze volumes da Revista Espírita de Allan Kardec, classificamos cada um dos casos estudados dentro desta estrutura demonológica de Binsfeld. O estudo mostrou que, ainda que os conceitos de demônio e pecado sejam distintos para o Espiritismo em relação às tradições cristãs clássicas, todos os casos abordados neste artigo, descritos por Allan Kardec se encaixam na estrutura proposta por Peter Binsfeld.

REFERÊNCIAS

- ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**: purgatório, Editora 34, 1ª ed., São Paulo, 1998.
- BATALHA, P. A. S. 2015. **As origens das figuras medievais do diabo**. Dissertação de mestrado. Universidade de Lisboa, Portugal.
- BORDEAU, M. 2013. Auguste Comte. **Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/win2013/entries/comte/>.
- CHIBENI, S. S. 1988a. "A Excelência Metodológica do Espiritismo - I", **Reformador Novembro**, 328.
- CHIBENI, S. S. 1988b. "A Excelência Metodológica do Espiritismo - II", **Reformador Dezembro**, 373.
- DALMANN, **Die Worte Jesu** (trad., Edimburgo, 1902).
- FERRO, Andressa Liz Menezes. **O Dicionário Infernal de Collin de Plancy e as ilustrações de Louis Le Breton**. 2019. 69 f., il. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Teoria, Crítica e História da Arte) — Universidade de Brasília, Brasília, 2019.
- GIL, A. C. 2008. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. Editora Atlas, 6ª Ed, São Paulo, SP.
- INCONTRI, D. 2004. **Pedagogia espírita: um projeto brasileiro e suas raízes**. Editora Comenius, Bragança Paulista, SP.
- KARDEC, A. 1864a. **O evangelho segundo o Espiritismo**. Editora FEB, 131ª Edição, Brasília, DF, 2019. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/07/WEB-O-Evangelho-segundo-o-Espiritismo-Guillon.pdf>.
- KARDEC, A. 1865a. **O Céu e o Inferno**. Editora FEB, 61ª Edição, Brasília, DF, 2019. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/07/WEB-O-Ceu-e-o-inferno-Guillon.pdf>.
- KARDEC, A. 1857. **O Livro dos Espíritos**. Editora FEB, 93ª Edição, Brasília, DF, 2019. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/07/WEB-Livro-dos-Espíritos-Guillon-1.pdf>.
- KARDEC, A. 1858. **Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos**. Primeiro Volume. Editora FEB, Brasília, DF. Tradução de Evandro Noleto Bezerra, ano 2002. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1858.pdf>.
- KARDEC, A. 1859. **Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos**. Segundo Volume. Editora FEB, Brasília, DF. Tradução de Evandro Noleto Bezerra, ano 2002. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1859.pdf>.
- KARDEC, A. 1860. **Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos**. Terceiro Volume. Editora FEB, Brasília, DF. Tradução de Evandro Noleto Bezerra, ano 2002. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1860.pdf>.
- KARDEC, A. 1861. **Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos**. Quarto Volume. Editora FEB, Brasília, DF. Tradução de Evandro Noleto Bezerra, ano 2002. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1861.pdf>.
- KARDEC, A. 1863. **Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos**. Sexto Volume. Editora FEB, Brasília, DF. Tradução de Evandro Noleto Bezerra, ano 2002. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1863.pdf>.
- KARDEC, A. 1864. **Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos**. Sétimo Volume. Editora FEB, Brasília, DF. Tradução de Evandro Noleto Bezerra, ano 2002. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1864.pdf>.
- KARDEC, A. 1865. **Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos**. Oitavo Volume. Editora FEB, Brasília, DF. Tradução de Evandro Noleto Bezerra, ano 2002. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1865.pdf>.
- KARDEC, A. 1868. **Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos**. Décimo Primeiro Volume. Editora FEB, Brasília, DF. Tradução de Evandro Noleto Bezerra, ano 2002. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1868.pdf>.
- LUZA, Nilo. 2020. **Livro de Tobias**. Paulus Editora. Disponível em: <https://www.paulus.com.br/porta/19-livro-de-tobias/>.
- MASON, S. F. 1962. **História da Ciência: As principais Correntes do Pensamento Científico**. Tradução: Flávio e José Vellinho de Lacerda. Editora Globo, Rio de Janeiro, RJ.
- MODOLO, M., DIAS, F. G. 2019. Collin de Plancy, Jacques Albin Simon. Dicionário Infernal: repertório universal. Resenha de Livro. **Filologia e Linguística Portuguesa**, Editora Edusp, Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 137-140.

- MONROE, J. 2008. **Laboratories of Faith: mesmerism, spiritism, and occultism in modern France**. Ithaca: Cornell University Press.
- MOREIRA-ALMEIDA, A., LOTUFO NETO, F. (2003). Diretrizes metodológicas para investigar estados alterados de consciência e experiências anômalas. **Revista de Psiquiatria Clínica**, 30(1), 21-8. doi: [10.1590/s0101-60832003000100003](https://doi.org/10.1590/s0101-60832003000100003).
- PIMENTEL, M. G. (2014). **O método de Allan Kardec para investigação dos fenômenos mediúnicos (1854-1869)**. Dissertação de Mestrado, UFJF.
- RICHET, C. 1922. **Traité de Métapsychique**. Librairie Félix Alcan, Paris.
- RINALDI, A. 2018. **O mágico e o demoníaco**: figuras, práticas e efeitos na escrita literária portuguesa dos séculos XIII e XIV. Tese de doutoramento. Universidade de Coimbra. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10316/79818>.
- ROBBINS, R. H. 1959. **The Encyclopedia of Witchcraft and Demonology**. New York: Newnes Books.
- SILVA, C. R. de O. 2004. **Metodologia e organização do projeto de pesquisa**: guia prático. Editora CEFET, Universidade Federal do Ceará.
- VERGARA, S. C. 2016. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. Editora Atlas, 16ª Edição, São Paulo, SP.
- WANTUIL, Z; THIESEN, F. (1979) **Allan Kardec**. Metódica pesquisa bibliográfica. Editora FEB, Rio de Janeiro: FEB.